

Preparando o médium e a mediunidade

Autor: *José Queid Tufaille Huaixan*

Tem-se observado que, embora o Espiritismo esteja conosco há quase cento e cinquenta anos, ainda hoje as práticas mediúnicas são bastante atrasadas na maioria dos centros. Quando falamos desse atraso, não queremos com isso desmerecer os médiuns que de um modo ou de outro vêm procurando dar o melhor de si. Porém, se tivermos o cuidado de examinar o conteúdo do que fazemos, vamos verificar que produzimos bem pouco.

É pequena a quantidade de desobsessões que conseguimos; quase não dispomos de mensagens que possam ser examinadas racionalmente; trabalhamos com médiuns improdutivos durante anos e se precisamos de uma comunicação do plano espiritual no sentido de nos orientar, até pouco tempo só recorriamos a Francisco Cândido Xavier, na cidade de Uberaba, MG. Não temos confiança nos medianeiros de nossos centros.

Qual seria o motivo de conseguirmos tão pouco com a mediunidade? Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, demonstrou que se pode conseguir mensagens instrutivas do plano espiritual com relativa facilidade. Ele trabalhava com uma equipe séria de médiuns e solucionava 70% das obsessões. Hoje, quase nada conseguimos e as práticas espíritas, em face da fraqueza nos serviços de ordem espiritual, tiveram a atenção voltada para a assistência social.

Existem adeptos que acreditam estar cumprindo com suas obrigações, mesmo não tendo atividades mediúnicas mais ostensivas. Vemos isso com naturalidade. No movimento espírita não existem determinações ou imposições de quem quer que seja. Mas, o mesmo direito que assiste estas pessoas que querem continuar como estão, assiste outras que desejam melhorar-se.

Nossos estudos têm a finalidade de discutir idéias junto aos que crêem poder fazer progredir as práticas espíritas. Para isso, acreditamos ser necessário um diálogo em torno do que é a mediunidade, seu significado, sua utilidade e suas práticas diárias nos centros espíritas. Se assim procedermos, estaremos revendo conhecimentos e criando oportunidade para efetuarmos a reforma das atividades, neste delicado campo da relação com os espíritos.

O que é a mediunidade? - No Brasil é muito comum haver confusão em torno do que seja a mediunidade. Isto acontece em face de que, entre nós, há um hábito quase comum, de nos apegarmos a frases feitas, lançadas por espíritos, médiuns ou escritores. Existem no meio espírita, variadas definições a respeito do que seria a mediunidade. Um dos erros comumente encontrados é aquele em que ela é tida como “uma abençoada oportunidade de se fazer caridade”. Com isso, tomou corpo em torno do movimento, a idéia de que o indivíduo deve trabalhar com sua mediunidade para ser salvo.

Dizia o Codificador, que a mediunidade é uma faculdade que o homem possui, por intermédio da qual recebe influência dos espíritos. Afirmava que todos somos mais ou menos médiuns, porém, que considerava médiuns somente aqueles que fossem capazes de produzir fenômenos patentes. Vejamos suas próprias palavras, no seu “Estudo sobre os médiuns”, publicado na Revista Espírita de março de 1859.

“Como intérpretes das comunicações espíritas, os médiuns têm um papel de extrema importância e nunca seria demasiada a atenção dada ao estudo de todas as causas que os podem influenciar; e isto não só em seu próprio interesse, como também no daqueles que, não sendo médiuns, deles se servem como intermediários. Poderão assim julgar o grau de confiança que merecem as comunicações por eles recebidas.

Todos, já o dissemos, são mais ou menos médiuns. Mas, convencionou-se dar este nome aos que apresentam manifestações patentes e, por assim dizer, facultativas. Ora, entre estes, as aptidões são muito diversas: pode-se dizer que cada um tem sua especialidade. Ao primeiro exame, duas categorias se desenham muito nitidamente: os médiuns de efeitos físicos e os médiuns de efeitos inteligentes”.

Preparando o médium - O primeiro passo para se preparar um médium numa casa espírita é o de identificá-lo como tal, saber distinguir quem deve ou não praticar a mediunidade. Para evitar erros além do normal, é preciso deixar de pensar como pensa todo mundo: que todos são médiuns ostensivos; que praticar mediunidade é fazer caridade; que as perturbações espirituais são provenientes de mediunidade a ser desenvolvida e outras idéias comuns. Tudo isso são interpretações pessoais de criaturas que pouco sabem da Codificação.

Meditando sobre as palavras de Kardec, que foram ditas acima, não é difícil identificarmos os médiuns. Consideremos médiuns só aqueles em que a faculdade se manifesta de forma patente, os que sentem facilmente a presença dos espíritos. Os outros, em quem o nível de influência é muito baixo, ou quase ausente, não devem ser colocados como médiuns, segundo o real significado da palavra.

Os primeiros, são os médiuns de acordo com a definição do Codificador. Os últimos, possuem aquilo que se chama mediunidade natural, que não serve de ponte entre os planos visível e invisível.

As obsessões - Dentre os que sentem de modo ostensivo a presença dos Espíritos, existem aqueles que estão perturbados pela obsessão. Estes, não devem ser orientados para o desenvolvimento, mas sim, encaminhados para um tratamento no centro espírita.

Quando se submete um paciente obsedado ao desenvolvimento da mediunidade, corre-se o risco de vê-lo mergulhar num estado de profundo desequilíbrio. O médium enfermo sofrerá maior agressão do obsessor no exercício da mediunidade, principalmente se sua obsessão apresentar um caráter de gravidade. Por esta razão, não devemos enviar obsedados para as sessões de desenvolvimento mediúnicos.

O sensato é tratá-los pelo Espiritismo, acompanhados de tratamento médico se for necessário. Depois, se a sensibilidade permanecer aberta a um nível elevado, essas pessoas poderão ser encaminhadas para a educação da mediunidade, se houver disposição para isso.

Estudos - Um dos grandes males que hoje afetam a prática do Espiritismo é a falta de estudos da Doutrina. Se de um lado há centros espíritas que desenvolvem cursos tão complexos como os de uma escola, dificultando o ingresso dos iniciantes, por outro, há casas que se absterem completamente de qualquer esforço neste sentido. Em resumo: uns estudam demais; outros, de menos.

Perguntado se o exercício da mediunidade pode provocar numa pessoa a invasão dos maus Espíritos e suas conseqüências, Kardec responde demonstrando a importância dos estudos:

“Jamais dissimulamos os escolhos (obstáculos) encontrados na mediunidade, razão por que multiplicamos, em “O Livro dos Médiuns”, as instruções a tal respeito e não temos cessado de recomendar o seu estudo prévio, antes de se entregarem à prática. Assim, desde a publicação daquele livro, o número de obsediados diminuiu sensível e notoriamente, porque poupa uma experiência que os novíços muitas vezes só adquirem às próprias custas. Dizemo-lo ainda, sim, sem experiência a mediunidade tem inconvenientes, dos quais o menor, seria ser mistificado pelos Espíritos enganadores e levianos. Fazer Espiritismo experimental sem estudo é fazer manipulações químicas sem saber química”.

O Codificador, já em seu tempo, alertava para o cuidado que se deve ter, quando se vai submeter uma pessoa ao contato com o mundo invisível. Recomendava instrução e a assistência de alguém com experiência. Por isso devemos estabelecer em nossas casas espíritas uma metodologia capaz de iniciar novatos na prática sadia da mediunidade.

Primeiro, devemos levar em conta se a pessoa tem alguma noção do que é a Doutrina Espírita. E, se já tem, se não está distorcida, misturada com aquilo que se chama “Espiritismo popular”. No grupo onde trabalhamos, desenvolvemos um cursinho rápido, destinado aos iniciantes, onde eles aprendem os princípios elementares do Espiritismo. É o livro publicado por nós, chamado “Espiritismo para Iniciantes”. O curso tem uma duração de dois meses, com uma aula semanal. Estuda a Criação; Deus; a origem da Doutrina Espírita; a Reencarnação; a Mediunidade; os Fluidos; os Passes e a Obsessão. Serve para dar uma noção básica aos que ingressam nos quadros de serviços da casa espírita, inclusive aos que vão lidar com a mediunidade.

As casas podem ministrar orientações já existentes em livros, ou criar seus próprios métodos.

Depois disso, os neófitos devem ser assistidos por alguém habituado às relações com o invisível, num estudo em “O Livro dos Médiuns”. Deve-se dedicar especial atenção aos capítulos que falam dos cuidados que se deve ter com os desencarnados. Só após este procedimento, deverá se dar início ao preparo da mediunidade.

Preparando a mediunidade - Uma das fases mais delicadas do preparo do médium é aquela em que o novato vai exercitar sua mediunidade. A maioria dos que se dedicam ao intercâmbio com os espíritos possui grande ansiedade para “receber” as manifestações. Mas, as coisas não são tão simples quanto parecem. O exercício da mediunidade é uma fase de aperfeiçoamento psíquico, onde o indivíduo se submeterá à disciplina de muitas faces de sua personalidade, uma espécie de autoconhecimento, um pouco difícil de ser feito.

Os espíritos inferiores são excitadores das paixões do médium, e acabam por mostrar-lhes os defeitos de sua personalidade, que deverão ser corrigidos. Não há serviço mediúnicos sem que o equilíbrio pessoal se dê pela ação dos contrários. O mediano chega ao bem pelo conhecimento do mal.

Por esta razão, as mesas de desenvolvimento devem contar com pessoas maduras, dotadas de experiência capaz de orientar com segurança. Se não for assim, a prática da mediunidade poderá trazer prejuízos à vida psíquica, coisa que vem sendo muito comum na atualidade.

Citaremos neste trabalho, os pontos que julgamos serem as bases de um exercício mediúnicos sadio e esperamos que contribuam de algum modo para ajudar os iniciantes do Espiritismo quanto às relações com os Espíritos.

Animismo - O animismo é a influência que a alma do médium exerce sobre as comunicações. Nos medianeiros onde a faculdade é mais intuitiva, a fator anímico é bem mais elevado, chegando, em alguns casos, a tornar o sensitivo improdutivo. O animismo se apresenta intenso na maioria dos principiantes e vai diminuindo com o desenvolvimento.

Os encarregados de dirigirem os trabalhos práticos precisam demonstrar que a presença ostensiva dos pensamentos do médium nas comunicações é uma coisa natural e, com o tempo, esta influência diminuirá. Os problemas anímicos do sensitivo, que afloram no transe mediúnico, podem ser orientados como se faz em qualquer situação de desarmonia. Todos os iniciantes devem ser esclarecidos que o mais importante fator de transformação e ajuste virá da reflexão evangélica. Falando do animismo, Kardec disse:

“O médium, tendo consciência do que escreve (ou fala), é naturalmente levado a duvidar de sua faculdade: não sabe se a escrita (ou mensagem) é dele mesmo ou de outro Espírito. Mas ele não deve absolutamente inquietar-se com isso e deve prosseguir apesar da dúvida. Observando com cuidado a si mesmo, facilmente reconhecerá nos escritos (ou nas palavras) muitas coisas que não lhe pertencem, que são mesmo contrárias aos seus pensamentos, prova evidente de que não procedem de sua mente. Que continue, pois, e a dúvida se dissipará com a experiência”. - Allan Kardec (O Livro dos Médiuns, item 214).

Os Espíritos inferiores - Em “O Livro dos Médiuns”, o Codificador afirma que o maior obstáculo às práticas espíritas é a obsessão, o domínio que alguns Espíritos inferiores podem adquirir sobre certas pessoas. Nenhum médium está livre desta influência perniciosa, principalmente quando inicia seu mandato mediúnico. Nesta fase, suas imperfeições morais mais grosseiras são verdadeiros atrativos para as entidades atrasadas e, por esta razão, deve-se estar alerta com a conduta da equipe que trabalha no intercâmbio.

O mediano deve cuidar-se com uma disciplina a mais sábia possível, para que não seja vítima dos seres malévolos do mundo invisível. Toda alteração emocional ou psíquica considerada estranha e persistente deve ser comunicada ao orientador da mesa. Se houver suspeita de obsessão, o principiante deve ser afastado dos trabalhos mediúnicos, submetido a um tratamento e depois reconduzido às atividades.

Quando se detectar pessoas impressionáveis, de raciocínio confuso, sistemático ou excêntrico, elas devem ser afastadas definitivamente dos trabalhos práticos, conforme recomenda o Codificador.

Aos novatos:

“A dificuldade encontrada pela maioria dos médiuns iniciantes é a de ter que tratar com os Espíritos inferiores, e eles devem se considerar felizes quando se trata de Espíritos apenas levianos”. (- Allan Kardec - O Livro dos Médiuns, item 211).

Aos mais velhos:

“Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida. Que o médium escreva com facilidade, que seja o que se chama um médium feito. Seria um grande erro de sua parte considerar-se dispensado de novas instruções. Ele só teria vencido uma resistência material, e é então que começam as verdadeiras dificuldades. Mais do que nunca necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser enganado por Espíritos mentirosos, que procurarão explorar-lhe a presunção”. (- Allan Kardec - O Livro dos Médiuns, item 216).

A vida moral - As faculdades mediúnicas estão ligadas a uma disposição orgânica. O mesmo já não se dá quanto ao seu uso, que depende da condição moral do médium. Se tudo depende da moral, nossos grupos necessitam tê-la em alta conta, como uma espécie de farol orientador. Muitas decepções advindas da prática mediúnica são frutos da má orientação dadas aos iniciantes pelos que administram as mesas de desenvolvimento.

Na atualidade, há uma complacência excessiva em torno dos vícios das pessoas. Médiuns, assistentes e membros dos grupos alimentam vícios grosseiros como o fumo, a bebida alcoólica e, nos casos mais graves, o adultério, a desonestidade, a sensualidade exagerada e o orgulho.

Se estamos dispostos a reformar as práticas do centro espírita que participamos, temos que cuidar dos aspectos morais dos componentes da casa. São eles que sustentam as atividades em todos os sentidos, mormente as mediúnicas.

Recomendamos o estudo regular nas sessões, e fora delas, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Com isso, se conseguirá elementos morais destinados à auto-reflexão.

Leitura excessiva - O trabalhador espírita estuda sempre. Lê livros teóricos e práticos para o seu enriquecimento doutrinário. Mas, deve evitar a poluição mental por obras espíritas. Há médiuns que não conseguem trabalhar em face de sobrecarregarem suas mentes com leituras.

Assistência material - Não se pode conceber a atividade mediúnica sem o trabalho material. O serviço na seara dos sofrendores auxilia o médium a compreender a dor e lhe dá suporte para os embates próprios do mediunato. Todo médium deve ter atividades de assistência material regularmente.

É importante considerarmos a prática da mediunidade como um trabalho que não dispensa o serviço do médium na assistência material. Por acharem que a mediunidade é caridade, apareceu um grande contingente de médiuns que só vão ao centro “receber” espíritos e crêem já estar com seus compromissos cumpridos.

Disciplina - Por fim, a disciplina. Dominar-se é uma das coisas mais difíceis de se fazer. No entanto, aqueles que vão lidar com os espíritos precisam ter um certo domínio sobre si. Se não levarem em conta este fator, o melhor é afastar-se do ministério. Deixar o cigarro, a bebida, a frequência em ambientes mundanos, melhorar a vida familiar, profissional, adquirir uma conduta regular frente à prece, tudo isso é disciplinar-se. Conhecer a si mesmo e trabalhar as próprias imperfeições é o caminho para uma prática mediúnica sadia.

“Antes de nos dirigirmos aos Espíritos, convém, pois, encorajarmo-nos contra o assalto dos maus, assim como se marchássemos em terreno onde tememos picadas de cobras. Isto se consegue, inicialmente, pelo estudo prévio, que indica a rota e as precauções a tomar; a seguir, a prece. Mas é necessário bem nos compenetrarmos da verdade que o único preservativo está em nós, na própria força, e nunca nas coisas exteriores; que nem há talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que tenham a menor eficácia se não tivermos em nós mesmos as qualidades necessárias. Assim, essas qualidades é que devem ser adquiridas” Allan Kardec (Revista Espírita, número de janeiro de 1863, no Estudo sobre os possessos de Morzine).